This remark was made, in these very words, by John Gribbin, physics editor of New Scientist magazine, in a BBC-TV debate with Malcolm Muggeridge, and it provoked incredulity on the part of most viewers. It seems to be a hangover of the medieval Catholic era that causes most people, even the educated, to think that everybody must "believe" something or other, that if one is not a theist, one must be a dogmatic atheist, and if one does not think Capitalism is perfect, one must believe fervently in Socialism, and if one does not have blind faith in X, one must alternatively have blind faith in not-X or the reverse of X. My own opinion is that belief is the death of intelligence. As soon as one believes a doctrine of any sort, or assumes certitude, one stops thinking about that aspect of existence. The more certitude one assumes, the less there is left to think about, and a person sure of everything would never have any need to think about anything and might be considered clinically dead under current medical standards, where absence of brain activity is taken to mean that life has ended. My attitude is identical to that of Dr. Gribbin and the majority of physicists today, and is known in physics as "the Copenhagen Interpretation," because it was formulated in Copenhagen by Dr. Niels Bohr and his co-workers between 1926-28. The Copenhagen Interpretation is sometimes called "model agnosticism" and says that any grid we use to organize our experience of the world is a model of the world and should not be confused with the world itself. Alfred Korzybski tried to popularize this outside physics with the slogan, "The map is not the territory." Alan Watts, a talented Oriental philosopher, restated it more vividly as "The menu is not the meal." Belief in the traditional sense, or certitude, or dogma, amounts to the grandiose delusion, "My current model" -- "contains the whole universe and will never need to be revised." In terms of the history of science and knowledge in general, this appears absurd and arrogant to me, and I am perpetually astonished that so many people still manage to live with such a medieval attitude. Briefly, the main thing I have learned in my life is that "reality" is always plural and mutable. "Reality" is a word in the English language which is (a) a noun and (b) singular. Thinking in the English language (and in many Indo-European languages) therefore subliminally programs us to imagine "reality" as one entity, sort of like a huge New York skyscraper, in which every part is just another "room" within the same building. This linguistic program is so pervasive that most people cannot "think" outside it at all, and when one tries to offer a different perspective they imagine one is talking gibberish. The notion that "reality" is a noun, a solid thing like a brick or a baseball bat, derives from the biological fact that our nervous systems normally organize the dance of energy into such block-like "things," probably as instant survival cues. Such "things," however, dissolve back into energy dances -- processes or verbs -- when the nervous system is joined with certain drugs or transmuted by spiritual exercises or aided by scientific instruments. In both mysticism and physics, there is general agreement that "things" are constructed by our nervous systems and that "realities" (plural) are better described as systems or bundles of energy functions. So much for "reality" as a noun. The notion that "reality" is singular, like a sealed jar, does not jibe with current scientific findings which, in this century, suggest that "reality" may better be considered as flowing and meandering, like a river, or interacting, like a dance or evolving, like life itself. Most philosophers have known, at least since around 500 B.C., that the world perceived by our senses is not "the real world" but a construct we create -- our own private work of art. Modern science beginning with Galileo's demonstration that color is not "in" objects but "in" the interaction of our senses with object, understands that “reality” is created by our own brains.

*Essa observação foi feita, com essas mesmas palavras, por John Gribbin, editor de física da revista New Scientist, em um debate na BBC-TV com Malcolm Muggeridge, e provocou incredulidade na maioria dos telespectadores. Parece ser uma ressaca da era católica medieval que faz com que a maioria das pessoas, mesmo as educadas, pensem que todos devem "acreditar" em uma coisa ou outra, que se alguém não é um teísta, deve ser um ateu dogmático, e se alguém não pensa que o capitalismo é perfeito, deve-se acreditar fervorosamente no socialismo, e se não se tem fé cega em X, deve-se alternativamente ter fé cega em não-X ou o inverso de X. Minha opinião é que a crença é a morte de inteligência. Assim que alguém acredita em uma doutrina de qualquer tipo, ou assume certeza, deixa de pensar sobre esse aspecto da existência. Quanto mais certeza se assume, menos resta para pensar, e uma pessoa com certeza de tudo nunca teria necessidade de pensar em nada e poderia ser considerada clinicamente morta sob os padrões médicos atuais, onde a ausência de atividade cerebral é tida como significando que a vida acabou. Minha atitude é idêntica à do Dr. Gribbin e da maioria dos físicos hoje, e é conhecida na física como "a Interpretação de Copenhague", porque foi formulada em Copenhague pelo Dr. Niels Bohr e seus colaboradores entre 1926-28. A Interpretação de Copenhague às vezes é chamada de "agnosticismo modelo" e diz que qualquer grade que usamos para organizar nossa experiência do mundo é um modelo do mundo e não deve ser confundido com o próprio mundo. Alfred Korzybski tentou popularizar isso fora da física com o slogan: "O mapa não é o território". Alan Watts, um talentoso filósofo oriental, reafirmou isso de forma mais vívida como "O cardápio não é a refeição". A crença no sentido tradicional, ou certeza, ou dogma, equivale à grandiosa ilusão: "Meu modelo atual" - "contém todo o universo e nunca precisará ser revisto". Em termos de história da ciência e do conhecimento em geral, isso me parece absurdo e arrogante, e estou perpetuamente surpreso que tantas pessoas ainda consigam viver com uma atitude tão medieval. Resumidamente, a principal coisa que aprendi em minha vida é que a "realidade" é sempre plural e mutável. "Realidade" é uma palavra na língua inglesa que é (a) um substantivo e (b) singular. Pensar na língua inglesa (e em muitas línguas indo-européias), portanto, nos programa subliminarmente para imaginar a "realidade" como uma entidade, como um enorme arranha-céu de Nova York, no qual cada parte é apenas mais uma "sala" dentro do mesmo prédio. Esse programa linguístico é tão difundido que a maioria das pessoas não consegue "pensar" fora dele, e quando alguém tenta oferecer uma perspectiva diferente, eles imaginam que está falando sem sentido. A noção de que "realidade" é um substantivo, uma coisa sólida como um tijolo ou um taco de beisebol, deriva do fato biológico de que nosso sistema nervoso normalmente organiza a dança da energia em "coisas" semelhantes a blocos, provavelmente como pistas instantâneas de sobrevivência. Tais "coisas", no entanto, se dissolvem em danças energéticas - processos ou verbos - quando o sistema nervoso é unido a certas drogas ou transmutado por exercícios espirituais ou auxiliado por instrumentos científicos. Tanto no misticismo quanto na física, há um consenso geral de que "coisas" são construídas por nossos sistemas nervosos e que "realidades" (plural) são melhor descritas como sistemas ou feixes de funções de energia. Tanto para "realidade" como um substantivo. A noção de que a "realidade" é singular, como um jarro selado, não condiz com as atuais descobertas científicas que, neste século, sugerem que a "realidade" pode ser melhor considerada como fluindo e serpenteando, como um rio, ou interagindo, como um dançar ou evoluir, como a própria vida. A maioria dos filósofos sabe, pelo menos desde cerca de 500 a.C., que o mundo percebido pelos nossos sentidos não é "o mundo real", mas uma construção que criamos - nossa própria obra de arte privada. A ciência moderna, começando com a demonstração de Galileu de que a cor não está "nos" objetos, mas "na" interação de nossos sentidos com o objeto, entende que a "realidade" é criada por nossos próprios cérebros.*